

A propósito da crise: entre o real e seu inverso

A explicação segundo a qual a crise financeira norte-americana - tornada mundial - decorre do colapso do mercado de hipotecas imobiliárias classificadas como *subprime* é apenas uma meia verdade. Para início de prosa, dever-se-ia recolher uma lição da história económica e social: dado o carácter do seu processo de reprodução, o capitalismo sobrevive articulado por ciclos - curtos e longos.

Como bem pôs em realce Kondratieff em sua clássica formulação, de resto retomada por Ernst Mandel, os ciclos curtos configuram uma perspectiva expansiva se a curva das subidas e descidas aponta para cima, e uma perspectiva recessiva se aponta para baixo.

Ora, sem rodeios, digamos o que efetivamente as coisas são: a eclosão da crise resulta da impossibilidade de sustentação *ad infinitum* de uma lógica de valorização de ativos, amparada no crédito bancário, tendo como objeto contínuas bolhas (de ações, imóveis, *commodities*, etc.) e que encontrou no mercado imobiliário estadunidense o seu ápice. Ao fim e ao cabo, trata-se de uma crise do capitalismo contemporâneo, onde a financeirização fictícia dos oligopólios - a galope com as novas tecnologias ? expressa a sua face, por exemplo, na irracionalidade que é a contenda das ações, na busca desenfreada por lucros, sem a mediação da produção. Há algum tempo, não eram poucos os que louvavam este modelo, sob a retórica da não-intervenção do Estado na economia e da elevação do mercado à condição de demiurgo da sociabilidade humana. Resta saber o que, agora, eles têm a dizer, sobretudo os adeptos das ortodoxas "cantilínarias" da *intelligentsia* do *laissez-faire* abrigada na Universidade de Chicago.

Ao analisarmos o quadro político-económico internacional, em retrospectiva, logo percebemos que a peça dinâmica do crescimento mundial tem sido os *déficits* em transações correntes dos Estados Unidos. Ancorada no elemento-chave que é o dólar, a economia norte-americana pôde crescer nas últimas duas décadas sem restrição externa, colocando-se, via de regra, como locomotiva da expansão mundial. Isto não se conseguiu, claro, sem alguns arranjos institucionais entre nações, que agora se encontram sob ameaça de estiolamento. Desde a inflexão cíclica de 2001, foram intensificadas as movimentações, formatando-se uma engrenagem comercial entre o consumo dos EUA e o crescimento de outros países.

Podem ser aludidos, por exemplo, três elos de tal engrenagem: o referente aos Estados Unidos e a Ásia em desenvolvimento; o das relações intra-asiáticas; e o concernente à ligação entre a Ásia e as regiões produtoras de *commodities*. Uma amostra da tradução específica disso: pode-se dizer que o dinamismo chinês coloca-se como imprescindível à economia global hoje, mas isso não pode ser tomado como facto se não for considerada a função do *déficit* externo estadunidense. Assim sendo, dependendo da extensão e da profundidade da desaceleração da economia-líder, o primeiro elo ver-se-á diante de impasses imprevisíveis que logo arrastarão os demais.

É tempo de, analiticamente, regressar à dialéctica da economia política - relativizando os enfoques meramente econométricos - como forma de captar as lógicas actuais dos fenómenos económicos. Evitaremos assim as meias-explicações, como a que limita o entendimento da presente crise ao colapso do mercado de hipotecas imobiliárias norte-americanas. São explicações que terminam por cair nas velhas armadilhas da ideologia: ora apanham *partes* dos fenómenos como se fosse o *todo*, ora focam de forma inversa (e, por vezes, perversa) a realidade.

Fundamentalmente, a crise não será compreendida sem se considerar a transferência de capitais do setor produtivo para o financeiro, ou melhor, para o especulativo, num processo fortemente impulsionado pela ausência de regulamentação, visto que, nas últimas décadas, os discursos dominantes desenvolveram uma verdadeira aversão a tudo que sinalizasse intervenção estatal. Entretanto, ironicamente, depois do estrago feito, tal como ocorreu com a crise de 1929, assistimos o Estado ser convocado para "apagar o incêndio" provocado pela suposta mão invisível do mercado, usando para tanto jactos de recursos públicos oriundos dos tributos pagos pelos contribuintes. Por outras palavras: socialização dos prejuízos.

Por fim, a crise chama o dito mundo académico à realidade, visto que, em tempos recentes, alguns analistas sociais, envoltos em determinadas abstrações, passaram a negar a possibilidade de critério-referência de verdade às abordagens. Coisas da torre de marfim. Embebidas com representações invertidas do mundo. Entretanto, agora, a materialidade da crise mostra que é, no mínimo, impróprio continuar com uma postura que se assemelha à de colecionadores de borboletas: limitada a etiquetar a falência de teorias e a brandir discursos pseudo-eruditos em moda.

Ivonaldo Neres Leite